



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Martins Pena

As desgraças de uma criança



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

As desgraças de uma criança

Martins Pena

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Escrita no ano de 1846.

Livro Digital nº 827 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Luís Carlos Martins Pena

(1815 - 1848)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

AS DESGRAÇAS DE UMA CRIANÇA



PERSONAGENS:

ABEL (velho)

RITA (sua filha)

PACÍFICO (soldado de cavalaria)

MANUEL IGREJA (sacristão da Capela Imperial)

MADALENA (ama)

Soldados.

A cena passa-se no Rio de Janeiro, no ano de 1846.

ATO ÚNICO

CENA I

Sala: portas laterais e no fundo. Junto da porta da direita um berço, e além uma marquesa. Mesa e cadeiras. É noite. Haverá sobre a mesa um moringue, um copo e uma lamparina de porcelana acesa.

(Madalena, sentada junto ao berço, o embala)

MADALENA (*cantando*)

Menino bonito

Não dorme na cama,

Dorme no regaço

Da Senhora Santana.

A senhora lavava,

São José estendia,

Chorava o menino

Do frio que tinha.

Já dorme, graças a Deus! Triste vida é esta minha! Criar isto... Se ao menos fosse meu! Coitadinho, esse já lá está no céu, e a pobreza e necessidade aqui me têm presa. Que remédio? Criar filho alheio, para ao depois tomar-lhe amor e viver separado, às vezes nem reconhecimento... Que vida! Quando todos dormem estou eu acordada, mudando-lhe fraldinhas e cueiros... Agradável e aromáticas ocupação! Ai, que acordou! Dorme, dorme... que pertinho estou... *(Canta)* Senhora Santana... *(Etc.)*... Dorme, dorme... *(Embala)* Ah, não quer dormir? Pois espera. *(Levanta-o pelo bracinho e dá lhe palmadas)* Agora dorme. *(A criança chora)* Que goelinha de sapo! Anda, chora para aí. *(Canta)* Senhora Santana... *(Etc.)* E então não dormiu? Santo remédio para crianças são as palmadas! A estas horas já muitos têm dormido o primeiro sono e vestem-se para a missa do galo; só eu... Ah, quem me dera poder ir também! É perder a ideia daí, que lhe acho muitos impossíveis. Cá o velho? o velho *(ri-se)* e a senhora irão, e ainda dormem; e eu nem durmo e nem vou. Mas ficarei, e ficando, muito bem sei o que hei de fazer... O meu Pacífico não se esquecerá de mim. O que querem? Divertem-se, divirto-me também! Cada um como pode. *(Batem à porta)* Batem! *(Levanta-se)* Quem será? *(Chegando-se para a porta do fundo)* Quem é?

CENA II

Aparece na porta do fundo Manuel Igreja, vestido de sacristão da Capela Imperial.

MANUEL *(à porta)*
Sou eu. Dá licença?

MADALENA
Ah, é o Sr. Manuel Igreja. *(Abre)* Entre.

MANUEL
Boa noite, Sra. Madalena.

MADALENA
O senhor a estas horas por cá e assim vestido?

MANUEL

Prometi ao Sr. Abel vir acordá-lo para que não perdesse a missa.

MADALENA

Ele ainda dorme. O senhor anda muito obsequioso...

MANUEL

Entre amigos...

MADALENA

Só amigo? Eu cá o entendo... Não me logra; faço que não vejo, mas vejo muito.

MANUEL

Ah, então o que tem visto?

MADALENA

Quer saber?

MANUEL

Quero sim.

MADALENA

Namorico, namoro e, quem sabe, casamento por fim? Que diz, acertei?

MANUEL

Senhora Madalena, já que adivinhou o meu segredo, quer agora lucrar com esta descoberta?

MADALENA

Lucrar? Sim!

MANUEL

Entregue esta carta a D. Rita.

MADALENA

Oh, devagar! Quem julga o senhor que eu sou?

MANUEL

Quem julgo? Julgo ser a feliz ama daquela inocente criancinha. Oh, Sra. Madalena, o que não daria eu para amamentar aquela criança e viver sempre junto de sua encantadora mãe!

MADALENA

Oh, e que não daria eu também para ser sacristão, escorripichar galhetas, ganhar vela de cera e viver no meio de luzes e incenso, como os anjos!

MANUEL

Como os anjos! Oh, é verdade, eu vivia como um anjo, mas esse tempo já lá se vai... Acender velas e apagar velas, ajudar missa e beber vinho das galhetas; encomendar defuntos e enterrar defuntos. Com que prazer não entoava eu junto com os padres e encomendação para sua alma! (*Cantando*) Leva o defunto para terra, venha à pataca mais a vela... Os defuntos é que davam que comer, ai, ai! Eram minhas doces ocupações! Feliz tempo! Quantos defuntos não levei eu à cova com sorriso nos lábios! Mas agora!

MADALENA

Oh, está com cara de enterro!

MANUEL

Pode ser, que há dois anos que sofro. Bem pudera estar morto e enterrado, mas a esperança, doce esperança... Sra. Madalena, quero-lhe contar como entrou-me no peito este amor, que me traz engasgado. Há dois anos...

MADALENA

Pois já há dois anos? É antigo!

MANUEL

Há dois anos, sim. Era eu então sacristão da Candelária. Uma tarde eu, meu companheiro e o vigário esperávamos por uns noivos para celebrarmos o seu casamento. Chegaram, enfim, em uma carruagem do major, puxada a quatro. Vinham guapos, e a noiva... Ah, Sra. Madalena, que moça, que paixão, que demônio bonito! Assim que a vi o coração subiu-me até as goelas e fiquei como sufocado. Nunca tal tinha sentido! Subiram os noivos para o altar, principiou-se a cerimônia, e eu, com a tocha na mão, não podia despregar os olhos da dita. Perturbaram-se-me as ideias, assaltou-me o frenético desejo te dar uma tochada na cara do noivo, outra no vigário e fugir com a moça.

MADALENA

Que amor tão repentino, que frenesi!

MANUEL

Ah, Sra. Madalena, nunca, junto do altar, fiquei mais levado do diabo!

MADALENA

Foi uma tentação...

MANUEL

Assim o creio. Porém fiz um esforço e contive-me. Continuou a cerimônia, sem que o vigário soubesse do que tinha escapado... mas na ocasião em que o noivo disse: "Eu te recebo a vós por minha legítima mulher", oh! fiquei cego, alucinado! Inclinei a tocha que tinha na mão e derramei uma torrente de cera quente sobre a sua cabeça. Ele deu um grito honroso e levantou-se. O vigário passou-me uma reprimenda, e ela, ela que a princípio se espantara, sorriu-se, vendo o noivo com ambas as mãos na cabeça, arrancando punhados de cera e cabelo...

MADALENA

E ela sorriu-se?

MANUEL

Sorriu-se, sim. Com um sorriso de anjo!

MADALENA

Ou de mulher que vê o marido esfolado... Já dava esperanças.

MANUEL

Não sei se ela dava esperanças, mas posso assegurar-lhe que eu me dava aos diabos.

MADALENA

E como acabou-se o casamento?

MANUEL

Como acabam todos: receberam as bênçãos, meteram-se na carruagem e foram-se. E eu fiquei com cara de tolo, de apaixonado...

MADALENA

É o mesmo.

MANUEL

E desde esse dia achei-me outro. Não dei mais uma só cabeçada, não fiz a menor molecagem na rua, como era meu costume e de alguns meus companheiros; fazia tudo às avessas: Atirava com tocheiros e velas no chão, quebrava galhetas e banquetas... Se ajudava a missa e dizia o vigário: *Per omnia secula seculorum*, eu respondia; *Et cum spiritu tuo*, e se dizia: *Dominus vobiscum*, eu respondia: Amém. Enfim, o vigário, não podendo mais aturar-me, pôs-me no olho da rua, e eu, para não cortar uma carreira tão brilhante, fui ser sacristão do Carmo.

MADALENA

Ia em progresso...

MANUEL

Mas pensa a senhora que eu esquecia-me da tal noiva? Qual! Cada vez ia a pior. Quando dormia, só com duas coisas sonhava: com ela e com o vinho branco das galhetas.

MADALENA

Ah, ah, ah!

MANUEL

E nesses tormentos de saudades passaram-se quatorze meses. Uma tarde assistia eu a um enterro e rezava com os padres, como de costume, sem saber o quê. Por simples curiosidade, levanto-me na ponta dos pés e olho para o defunto que estava sobre a essa... E vejo... Oh!

MADALENA

O que viu?

MANUEL

O noivo, o noivo, que estava morto, defunto! E fiz logo este simples raciocínio: As desgraças de uma criança se ele está morto, ela deve estar viúva...

MADALENA

Muito bem raciocinado!

MANUEL

Pulei de contente, e nesse movimento dei com o turíbulo nas canelas de um padre. Oh, Sra. Madalena, com que prazer entoei eu o "Requiescat in pace"! Acompanhei seu corpo à sepultura e recomendei ao coveiro que fechasse quanto antes a catacumba, e dei-lhe meia pataca.

MADALENA

Foi generoso...

MANUEL

Daria mais, se tivesse, mas um sacristão não é um capitalista.

MADALENA

Que dúvida!

MANUEL

Que feliz morte!

MADALENA

E que fez o Sr. Manuel Igreja, sabendo que ela estava viúva?

MANUEL

O que fiz? Essa é boa! Namorei a viúva a bandeiras despregadas. Abandonei festas, enterros e missas para passar-lhe pela porta vinte, trinta vezes no dia. No primeiro mês chorou ela a morte do marido; no segundo, chegou à janela; no terceiro, reparou que eu passava muitas vezes; no quarto, sorriu-se para mim; no quinto, recebeu uma cartinha, no sexto, esqueceu-se completamente do defunto; no sétimo, veio à escada conversar comigo, e no oitavo...

MADALENA

Basta! Não quero saber mais.

MANUEL

No oitavo, prometeu que se casaria comigo, mas no entretanto fui despedido do Carmo pelo desmazelo com que diziam que eu servia.

MADALENA

Mas lucrou.

MANUEL

Lucrei, sim. Arranjei-me na Capela Imperial – melhor ordenado e mais bonito vestido. Isto faz vista e seduz! Não fico sedutor assim?

MADALENA

Muito!

MANUEL

E ainda recusará entregar esta carta?

MADALENA

Não. Mas antes que eu o consinta, o que me dará o senhor?

MANUEL

Dar-lhe-ei todos os bicos e velas que puder arranjar.

MADALENA

Guarde seus bicos.

ABEL (*dentro*)

Madalena, com quem estás tu a falar?

MADALENA

O velho acordou!

MANUEL

Tome, tome a carta, tome. (*Mete-lhe a carta na mão*) Por quem é!

MADALENA (*recebendo-a*)

Está bom, entregarei.

ABEL (*dentro*)

Com quem falas Madalena?

MANUEL

Sou eu, senhor Abel, é o Manuel Igreja. (*Para Madalena*) Sra. Madalena, conte com minha generosidade.

MADALENA

Estava arranjada... Generosidade de sacristão...

MANUEL

Dei meia pataca para enterrar o marido; dar-lhe-ei, para me casar com a mulher...

MADALENA

O quê?

MANUEL

Esta sotaina para fazer um vestido.

MADALENA

Guarde-a para cueiros de seus filhos!

CENA III

Abel, vestido de casaca e chapéu, e os ditos.

ABEL

Senhor Igreja...

MANUEL

Um criado. Vinha, como lhe prometi, acordá-lo para a missa do galo, mas já vejo que não era preciso.

(Madalena, vendo entrar Abel, dirige-se para o berço e o embala)

ABEL

Muito agradecido.

MANUEL

E a Sra. D. Rita não vai também à missa?

ABEL

Vai sim; já se está a vestir.

MANUEL

Quer que espere para irmos juntos?

ABEL

Oh, não se incomode, iremos sós.

MANUEL

Não é incômodo.

ABEL

Nada, nada, não consinto. Pode-se ir embora... (*Empurrando-o com política*)

MANUEL

Está bem. Então, até mais ver.

ABEL

Um seu criado.

(*Manuel sai*)

CENA IV

Abel e Madalena junto do berço.

ABEL

Ora, eu já ando meio desconfiado que este Sr. Manuel Igreja tem rabo de palha cá por casa. Há apenas dois meses que meteu aqui de garra e mata-me com obséquios. Nada, já desconfio da amizade... Ou é pela menina, e essa não é para seu beijos, ou é pela Madalena, e a essa ponho eu embargos de terceiro. (*Para Madalena, com ternura*) Madalena?

MADALENA (*à parte, embalando o berço*)

Maldito velho! (*Cantando*)

Menino bonito

Não dorme na cama,

Dorme no regaço

Da Senhora Santana.

ABEL (*chegando-se para ela enquanto canta*)

Embalas esse menino com cantigas, assim como me embalas com esperanças. Não me ouves?

MADALENA

Senhor?

ABEL

Ah, fazes que me não ouves? Pois olha, não te iria mal se desses atenção...

MADALENA

E o que lucraria eu?

ABEL

Tudo. Minha filha alugou-te para criares o seu filho, porque sempre embirrou com amas negras, mas aqui te conservarás enquanto eu quiser.

MADALENA

Irei alugar-me em outra casa.

ABEL

Não acharás.

MADALENA

Aposto que sim.

ABEL

E se achares, perdes a tua fortuna.

MADALENA

Por quê?

ABEL

Porque meteu-se-me em cabeça fazer-te feliz logo que acabares a criação de meu netinho.

MADALENA

Sapatos de defuntos...

ABEL (*com ternura*)

Madalena!

MADALENA (*fugindo para outro lado do berço*)
Senhor, deixe-me!

ABEL (*estendendo-se por cima do berço para segurá-la*)
Madalenhinha!

MADALENA
Olhe a senhora, que aí vem.

ABEL
Deixá-la vir! (*Estende os braços*)

CENA V

Entra Rita vestida de preto.

RITA (*entrando*)
Estou pronta.

MADALENA (*para Abel*)
Não lhe disse?

ABEL
Oh, diabo! (*Para disfarçar, principia a fazer festa à criança que está no berço*)
Psiu, psiu, negrinho! Olha vovô, cachorrinho! Psiu, psiu, galantinho! Bi,
bi, bi! Ni, ni, ni! (*Madalena ri-se, à parte*)

RITA (*encaminhando-se para o berço*)
Lulu está acordado?

ABEL (*no mesmo*)
Olha vovô, mulequinho! Olha, bonito! Bi, bi, bi!

RITA (*que está junto do berço*)
Lulu... Está dormindo.

ABEL

Ah, és tu? Julguei que estavas lá dentro.

RITA

E meu pai a fazer-lhe festinhas.

ABEL

Julguei que estava acordado.

RITA

Qual! Não vê como dorme? Parece um anjo! *(Dá um beijo no filho. Abel, enquanto ela tem a cabeça baixa, faz acionados para Madalena, como quem está zangado. Madalena ri-se)* Madalena, tem muito cuidado nele, ouviste?

MADALENA

Sim senhora.

RITA

Vamos, meu pai.

ABEL

Vou buscar o chapéu. *(Sai)*

RITA *(para Madalena)*

Nós voltamos já. Se o menino acordar, muda-lhe a camisinha e cueiros, que estão muito molhados. Não te esqueças.

MADALENA

Não senhora. O Sr. Manuel entregou-me...

ABEL *(entrando)*

Vamos, filha. E tu, fecha a porta.

RITA *(dando um beijo no filho)*

Vamos. *(Para Madalena)* Julgo que não é preciso recomendar-te cuidado.

MADALENA

Pode ir descansada.

RITA

Pois bem. (*Sai com Abel*)

CENA VI

Madalena, só, e depois Pacífico.

MADALENA

E eu não tive tempo de entregar-lhe a carta! Vão-se divertir... Ah, que se eu também pudesse aqui não ficaria. E o velho a disfarçar com o pequeno! Pobres crianças! Também, ainda não vi inocente que mais velhacadas encubram... Uma criança é a melhor capa de namorados que se conhece. Ao menos levam para alguma coisa! Que aborrecimento ficar só em casa, quando os mais se divertem... E o meu tratante que hoje todo o dia se não lembrou de mim? Ah, se ele aqui estivesse, deixava-o tomando conta desta lesmazinha e ia ver a missa. (*Dentro assobiam*) Ai, que é ele! Que fortuna! Deus o traz! (*Chegando janela*) Oh, que felicidade! O velho e a senhora não voltarão nesta duas horas... Tenho tempo.

CENA VII

Entra Pacífico de farda.

PACÍFICO (*da porta*)

Posso entrar?

MADALENA

Pode, estou só.

PACÍFICO (*entrando*)

Um abraço.

MADALENA

Não fala, bulha, que pode acordá-lo

PACÍFICO

Abraços não fazem bulha. Dá cá.

MADALENA

Espera, temos contas que ajustar.

PACÍFICO

As contas ajustam-se no fim...

MADALENA

Peio.

PACÍFICO

O caso não vai de zangar, nem creio que me mandasses dizer que o velho ia à missa do galo para brigares comigo.

MADALENA

Não, era para te dizer que já não estou bem nesta casa, que quero sair dela.

PACÍFICO

E por que?

MADALENA

O Sr. Abel persegue-me. Meteu-se-lhe nos cascos que eu...

PACÍFICO (*rindo-se*)

Ah, ah, ah,! Ele, velho baboso...

MADALENA

Velho baboso... Fia-te nele!

PACÍFICO

Não, mas fio-me em ti.

MADALENA

E é o que te vale. Mas deixemos de graças; eu quero sair daqui.

PACÍFICO

Deixa-te disso, Madalena; é preciso ganhar a vida! Que diabo, vinte mil-réis por mês não é marimba! Bem sabes o que nos tem custado a viver. Há um ano que viemos de São Gonçalo...

MADALENA

Antes de lá nunca tivesse saído. Vivia tão bem com minha mãe! Tu é que me perdeste.

PACÍFICO

Queixa-te da minha má fortuna. Se não fosse o diabo do recrutamento, que me deu com ossos na cidade, debaixo desta maldita farda, hoje podia estar casado contigo.

MADALENA

E bem sabes que esse era o teu dever...

PACÍFICO

Mas assim não quis o serviço do Estado. Quem recruta não quer saber se o homem está para casar-se. Vai agarrado a torto e a direito. É uma tirania! Olha, eu cá sou de parecer que não se devia recrutar não só os homens casados, como os que podem ser casados.

MADALENA

Assim não se recrutava ninguém, e não haveria soldados

PACÍFICO

O Estado precisa mais de filhos do que de soldados, e demais, a lavoura é quem perde com isso.

MADALENA

A lavoura! Tu trabalhavas muito pela lavoura...

PACÍFICO

Se não trabalhava, deixava a outros trabalhar; e de mais era porque meu pai não me deixou nem um palmo de terra. Que culpa tenho eu nisso?

MADALENA

Tem muita. Vivias como um vadio; todo o santo dia com a espingardinha no ombro a caçar. Eras mesmo um canela verde, como nos chamam cá na cidade. Mais dia menos dia não podia escapar da praça. Eu bem te avisei; não me quiseste ouvir...

PACÍFICO

Mas como? Era uma canela verde, vadio?

MADALENA

Até que filaram-te. Vieste cá para a cidade, juraste bandeira e eu fugi de São Gonçalo para te acompanhar.

PACÍFICO

Fizeste muito bem.

MADALENA

Fi-la com a minha cara, para viver aturando uma mãe impertinente, um velho baboso e aquela pestinha que ali está deitada. Boa vida! Os mais a divertirem-se, e eu aqui presa.

PACÍFICO

Diverte-te também.

MADALENA

Sim hei de deixar aquela lesma só... Ah, se eu pudesse ir à missa do galo!

PACÍFICO

Pois vamos; ele não morrerá por um instante que fique só.

MADALENA

Não é possível. Ah, se tu quisesse ficar um instantezinho tomando sentido nele...

PACÍFICO

Eu?

MADALENA

Sim, enquanto eu volto.

PACÍFICO

Eu, tomando sentido em uma criança?

MADALENA

E o que tem isso?

PACÍFICO

Feito ama-seca, de espada à cinta!

MADALENA

Pacífico, meu amor!

PACÍFICO

Nada, é o que me faltava! Um soldado de cavalaria de linha, um defensor da pátria, feito ama de nenéns! Ah, ah, ah! E se ele chorar, quem lhe há de dar de mamar?

MADALENA

Dá-lhe tu.

PACÍFICO

Hein?

MADALENA

Escuta, não me interrompas. Dá-lhe tu esta água com açúcar que está neste copo. Assim... (*Tomando um copo que está sobre a mesa*) Espreme-lhe este paninho na boca; estás vendo?

PACÍFICO

Mas então tu pensas que eu hei de ficar...

MADALENA

Penso sim.

PACÍFICO

E quem te disse?

MADALENA

O amor que me tens.

PACÍFICO

Ah, queres-me pegar pelo fraco.

MADALENA

Pacífico, meu rico Pacífico, tu não farás um sacrifíciozinho por tua Madalena, que tanto te ama e que por ti tudo deixou? O que te custa isso? É um instante; só o tempo de eu chegar à igreja, espiar e voltar, sim? Meu soldado de amor, queres-me ver chorar, ingrato?

PACÍFICO

Prometes-me que só espiarás?

MADALENA

Sim, só espio e volto.

PACÍFICO

Vê lá! Espiar e voltar. Não te demores; quando não, abandono a sentinela.

MADALENA

Voltarei num pulo.

PACÍFICO

Fazes de mim o que queres.

MADALENA (*Tomando um xale que está pendurado na cabeceira da marquesa e pondo-o no ombro*)

Embala-o bem, se ele chorar, e canta alguma coisa; não custa nada. E adeus, que vou depressa para voltar cedo. Não te esqueças: água com açúcar.

PACÍFICO

Espera, olha... E... Foi-se!

(*Madalena sai*)

CENA VIII

Pacífico, só.

PACÍFICO

E então? Deixou-me feito ama. E Que tal? Vejamos a minha cria. (*Chegando-se para o berço*) Dorme que é um regalo! Se dormisse assim sempre, muito bem íamos. Ora, ele é galantinho! Sempre gostei mais de ver as crianças que dormem; ficam tão sossegadinhas! Ai, que ele se mexe. Mau, mau! (*Principia a embalar o berço devagar*) Dorme, dorme! Xi, xi, xi! O demonhinho acorda; bole com os braços. (*Embalando o berço*) Xi, xi, xi! Oh, diabo, abriu os olhos! Embalemos mais forte a ver se dorme. (*Embala o berço com força*) Xi, xi, xi! (*A criança principia a chorar*) Ah, chora! Estou arranjado; agora é que são elas! (*Embala com muita força. A criança continua a chorar*) Nada! Como guincha! Ah, Madalena! Diabo, dorme! Diabinho! E então? Cada vez a melhor. (*Continua a embalar desesperado*) Não há remédio senão cantar; a ver se assim... mas que diabo contarei eu? Seja o que for. (*Cantando e embalando*)

Senhorinha, vá-se embora,

Meu bem,

Vá pra casa direitinho,
Não faça como fez ontem,
Que me deixou no caminho.

Parece-me que não gosta de música... Olhem que goelas. Cala a boca! Qual! (*Gritando muito*) Bico calado! Cada vez mais abre os foles! Ai, que não me lembrava da água com açúcar. (*Corre para junto da mesa e toma o copo, mas ao dirigir-se para o berço, com a presa que vai, tropeça e deixa cair o copo no chão*) Bravo! Bonito! Fi-la como os meus focinhos! Foi-se a água com o açúcar, e o diabinho a gritar! Espera, que ainda posso aproveitar alguma coisa. (*Assim dizendo, molha o paninho na água que corre pelo chão*) Ainda serve. (*Chega-se para o berço*) Toma! (*Dá à criança*) Ah, ainda é pouco... (*Torna a molhar o pano no chão*) Toma mais. Não se farta; chupa e chora. Arre, que pestinha! Vejam lá que cara! (*Arremedando a criança no chorar*) Belo ofício! Vejamos se as palmadas fazem mais efeito; é santo remédio. (*Dá palmadas na criança que redobra o choro*) Foi Pior! Nem açúcar, nem palmadas... Que o leve o diabo! Que lhe direi? (*Como que procura alguma coisa pela sala*) Muito custa criar! Eu, só na última necessidade... E não vejo nada! Naquele armário, talvez. (*Vai abrir o armário*) Ah, garrafas! (*Tira uma garrafa e cheira*) Vinho! Belo! (*Bota a garrafa na boca e bebe*) Talvez também goste. (*Vai para o berço*) Assim, abre bem a boca; tome lá. (*Dá vinho à criança, na garrafa*) Oh, diabo, como ficou vermelho! É pequeno... Mas se morre? Melhor; ainda não ouvi defunto chorar. (*O pequeno chora*) Qual morrer! Dei-lhe mais forma para chorar. Leve-me o demo, se sei o que hei de fazer. (*Tira uma espora do pé e dá à criança*) Olha, bonito! Teteia, teteia! O diabo espetou-se com a roseta! Já não posso, vou-me embora. Arrebento! Para aí! Mas Madalena... ai, que isto agora faz-me lembrar de uma coisa: o pequeno está estranhando a farda, as calças e todo esse aparelho. Se eu achasse um vestido... (*Vai para junto da cama de Madalena*) Bravo, achei! (*Tomando um vestido, um xale e touca que está nos pés da cama, veste-se com eles*) Assim pode ser que não estranhe. Tem-me feito suar! Que bonita ama! Bem me podia alugar; havia de ganhar mais do que me paga a nação. Agora o xale... Muito bem! Venha o toucado... (*Põe a toca, e assim vestido, chega-se para o berço e fala com a criança, afinando a voz*) Nhonhêzinho, não chore; é Madalena. Ande cá. (*Toma a criança nos braços*) Não chore, durma, durma. Quer

passar? Vamos passar. (*Principia a passar, cantando e tendo a criança nos braços, muito sem jeito*)

Menino diabo,

Tu, tu, ru, tu, tu;

Não chore, que eu chamo,

Que chamo o tutu.

Menino bonito,

Ao pé do murundu,

Se não dorme já,

Eu chamo o tutu.

Não dizia que a farda o espantava? Estava acostumado a viver com saias! Parece-me que vai adormecendo. E eu pensava que não tinha jeito pra isto! O caso é que tudo está no principiar, depois vai mesmo por si. Já fechou os olhos. Ainda bem, que já estava disposto a tapar-lhe a boca com a rolha da garrafa. Ah, Madalena, não me metes noutra! Agora vou deitá-lo, mas cuidado... (*Vai devagar para o berço e aí deita a criança com cuidado*) Ora, anda lá que não foi mal ninada... Possas tu dormir aí até o dia do Juízo! Oh, mas a Madalena não me mete noutra! Safa, estou estafado! Enquanto ela não chega, deito-me um pouco. (*Vai para a cama e deita-se; vai a voltar o travesseiro e dá com a carta que Madalena aí escondera*) Olé, uma carta! De quem será? (*Levantando-se*) Querem ver que a bicha me logra... Ah! (*Encaminha-se para a lamparina e principia a ler a carta, soletrando*) "Minha querida". (*Falando*) Ah, sua querida! Boa vai ela... (*Lendo*) "Hoje preciso muito falar contigo. Quando voltares da missa do galo, em vez de te ires deitar, deixa o velho dormir, e espera-me. Isto te pede teu querido Manuel Igreja." (*Falando*) Ah, tu amas ao Manuel Igreja? Igrejinha te hei de armar eu! Ah, traidora! Ora, fiem-se em mulheres! Esta nem por ser da roça, quanto mais se fosse da cidade... Tomara eu que o tal Manuel Igreja por cá apareça, que lhe quero rezar a ladainha e repicar-lhe o sino no espinhaço. Ah, maroto! Parece-me que ouço passos. Talvez seja ele... Ou ele ou ela, quero ensiná-los! (*Pega na lamparina e a põe debaixo da mesa*)

MANUEL (*dentro*)

Madalena?

PACÍFICO (*à parte*)

É ele! Entra, entra que não sabes o que te espera... (*Vai a senta-se junto ao berço*)

CENA IX

Manuel Igreja e Pacífico.

MANUEL (*aparecendo na porta do fundo*)

Madalena, eles já saíram? Posso entrar?

PACÍFICO (*disfarçando a voz*)

Pode.

MANUEL (*entrando e encaminhando-se para Madalena*)

Muito obrigado te estou eu. Verás que não serei ingrato; o meu amor servirá de fiança do que te prometo. O velho não pode tardar, não é assim? Assim que ele entrar, eu esconder-me-ei debaixo da tua cama, e depois...

PACÍFICO (*que tem ouvido Manuel com a cabeça baixa, levanta-se repentinamente*)

Ah!

MANUEL (*recuando*)

Que tens, Madalena? (*Pacífico arregaça o vestido*) Levanta o vestido!... (*Pacífico puxa pela espada*) Uma espada! (*Pacífico caminhando para Manuel; Manuel recuando*) Madalena... (*Pacífico segurando-lhe pelo braço*) Não é Madalena?

PACÍFICO

Não, é o diabo que te parta!

MANUEL (*aterrorizado*)

Ah!

PACÍFICO

Tratante, sacristão de uma figa! É, é sacristão, o patife... Ah, mau menino, pensavas que assim me havias surripiar...

MANUEL

Mas, senhor, eu... mas quem é o senhor?

PACÍFICO

Cinquenta pranchadas para principiar. (*Dá-lhe uma pranchada*)

MANUEL (*gritando*)

Ai, ai!

PACÍFICO

Psiu, grita baixo, não me acorde a criança! Grita devagar... (*Dá-lhe*)

MANUEL (*gritando*)

Ai, ai!

PACÍFICO

O pior é berrar. Não me acorde a cria!

MANUEL

Senhor, se é por ordem do Sr. Abel...

PACÍFICO

Qual Abel, nem Caim! Isto cá é por minha conta e de Madalena.

MANUEL

Da Madalena!

PACÍFICO

Da Madalena Sim, sô sacristã das dúzias, a quem tu queres seduzir. Mas primeiro há de levar-me o diabo, ou eu não jurei bandeira!

MANUEL

Mas, senhor, aqui há engano!

PACÍFICO

Enganar-me queres tu, sô escorrupticha-galhetas!

MANUEL

Eu não quero seduzir a senhora Madalena.

PACÍFICO

Não? E esta carta?

MANUEL (*examinando a carta*)

Esta carta não era para ela.

PACÍFICO

Então para quem era?

MANUEL

Era para...

PACÍFICO

Fale-me depressa, sô papa-bicos.

MANUEL

Era... (*À parte*) Mas quem será este sujeito? Talvez amante de Madalena.

PACÍFICO

Ah, estudas o que hás de dizer? Pois vai-te lembrando... (*Dá-lhe*)

MANUEL (*muito depressa*)

Ah, era para D. Rita, a filha do velho.

PACÍFICO (*largando-o*)

Ah, era para D. Rita?

MANUEL

Tinha pedido à senhora Madalena que lhe entregasse.

PACÍFICO

Ah, a Madalena tem mais essa prenda? E a senhora dona Rita lhe corresponde?

MANUEL (*com fatuidade*)

Sim senhor.

PACÍFICO

Ora, bem se diz que as mulheres escolhem o pior.

MANUEL

Nem todas. A Sra. Madalena, por exemplo, pelo que me parece, tem bom gosto. Pacífico?

PACIFICO

Achas?

MANUEL

Oh, pois não!

PACÍFICO

Dá cá um abraço. (*Abraça-o*) Muito bem; vieste pela Rita, e eu pela Madalena. Muito bem; temo-nos entendido, isto é, se o que disseste é verdade. Quando não, dou-me por desentendido e leva tudo a degola. Elas não tardam...

CENA X

ABEL (*dentro*)

Ó Madalena, alumia esta escada.

PACÍFICO

Aí vem o velho! Com os diabos!

MANUEL

Se aqui nos encontra, estamos perdidos!

PACÍFICO

Toca a esconder!

MANUEL

Eu vou para debaixo da cama.

PACÍFICO

E eu para cima.

(Fazem o que dizem. Manuel esconde-se debaixo da cama, e Pacífico, deitando-se, cobre-se com os lençóis, tapando a cara, e finge que dorme)

ABEL *(dentro)*

Madalena? *(Aparecendo à porta, seguido de Rita)* Querem ver que saiu?

RITA *(entrando)*

Está dormindo.

ABEL

E deixou a porta aberta. Forte estouvada!

RITA

Madalena?

ABEL

Não a acordes, que passa muitas noites em claro com teu filho.

RITA

Para isso ganha meu dinheiro. Deixe mandar se o menino está molhado *(Chegando-se para cama)* Madalena? *(Sacudindo-a)* Madalena? Que sono!

MANUEL *(debaixo da cama, puxa-lhe pelo vestido)*

Ritinha?

RITA (*espantando-se*)

Ah!

MANUEL

Sou eu... (*Esconde-se*)

ABEL

O que é?

RITA

Nada, não senhor. Que imprudente!

ABEL

Por que gritaste?

RITA

Foi uma pontada que me deu aqui do lado.

ABEL

É da umidade que apanhaste. As ruas estão incapazes, cheias de lama. Não só não nos deixaram ir à missa, como te fizeram doente. Vai-te despir e deitar, e afumenta-te...

RITA

Julgo que será melhor... Como o pequeno está quieto. Deixemos a Madalena a dormir. Boa noite, meu pai. (*Toma-lhe a bênção*)

ABEL

Até amanhã.

RITA

E meu pai não se vai deitar?

ABEL

Vou sim.

RITA

Boa noite.

ABEL

Boa noite, filha. (*Vai fechar a porta do fundo*)

RITA (*à parte*)

Eu voltarei... (*Entra no seu quarto, à direita*)

CENA XI

Abel, Manuel e Pacífico, escondidos.

ABEL (*espiando*)

Estou só com ela. A Rita vai-se deitar, porém o mais prudente é voltar quando ela estiver dormindo. Não quisera que minha filha, por coisa nenhuma deste mundo, suspeitasse de meu amor por esta feiticeira ama. (*Chegando-se para a cama de Madalena*) Como dorme! Que tranquilidade! Como respira docemente! Parece que seu hálito embalsama este aposento! Ah, que se não fosse minha filha, casava-me contigo... (*Chamando-a devagar*) Madalena? Madaleninha? (*Sacudindo*) Meu anjinho... (*Pacífico faz que espreguiça-se e dá com a mão na cara de Abel*) Ai, ladrãozinho, que me bateste! Mas pancadas de amor não matam, não...

RITA (*dentro*)

Joana, ó Joana?

ABEL

A Rita está chamando pela mucamba, para se despir. O mais prudente é eu voltar logo; porém primeiro hei de dar-lhe um beijinho nesta fronte tão cândida e tão pura. (*Chega-se para Pacífico e dá-lhe um beijo na testa*) Como é doce! Até já... (*Sai pela esquerda, atravessa a cena, esfregando as mãos de contente*)

CENA XII
Pacifico e Manuel.

PACÍFICO

O diabo do velho babou-me a testa!

MANUEL (*espiando, debaixo da cama*)

E que lhe parece o velho?

PACÍFICO

Fiem-se em velhos! Se eu fosse a Madalena, estava arrumado.

MANUEL (*rindo-se*)

Ah, ah, ah!

PACÍFICO

Você ri-se? O caso estava ficando sério. E ainda não sei o que será. Ele prometeu voltar. Que diabo de velhinho! Mas vê lá, se a tua vier, nem uma palavra sobre mim; quando não, mato-te.

MANUEL

Cale-se, que aí vem gente! (*Escondendo-se*)

PACÍFICO (*deitando-se e cobrindo-se*)

Se é o velho outra vez e bole comigo, enfio-lhe a espada pela barriga antes que ele se adiante muito.

CENA XIII
Entra Rita com cautela.

RITA (*entrando*)

É preciso falar-lhe! Assim se arrisca por mim! Como me ama! (*Chegando-se para junto da cama*) Madalena dorme. (*Chamando com cautela*) Sr. Manuel?

MANUEL (*aparecendo*)

Ritinha!

RITA

Saia para fora, mas devagar; veja, não acorde Madalena.

MANUEL (*saindo de baixo da cama*)

Ela não acordará.

RITA

Que imprudência, assim esconder-se! Se meu pai o tivesse visto... Vá-se embora.

MANUEL

A tanto não me arrisquei para ir assim.

PACÍFICO (*diz, como à parte*)

O que querará o sacrista fazer?

RITA

E que pretende você?

MANUEL

Pouca coisa: saber se te casas ou não comigo.

RITA

Já te disse muitas vezes o que punha obstáculo à nossa união. Casei-me contra a vontade de meu pai e fui desgraçada. Dois anos estive casada e dois anos vivi martirizada, porque meu marido era um demônio de gênio. Deus o levou para meu sossego.

MANUEL

E foi muito bem levado.

RITA

Enquanto estive casada, meu pai abandonou-me, para castigar-me assim de minha desobediência, mas viúva, chamou-me ele para junto de si com meu filho. Esqueceu-se de minha ingratidão e acolheu-me com braços paternos, e eu, para reconhecer tanto amor, jurei não me casar de novo sem o seu consentimento.

MANUEL

Isso não são coisas que se jurem, porque nesses negócios, quem jura, perjura.

RITA

Nem todos. Eu cumprirei meu juramento. Hei de me casar, mas com a sua aprovação.

MANUEL

Assim, já vejo que não arranjo nada. Teu pai não consentirá nunca que te cases comigo; não por mim, mas enfim, pelo meu ofício de sacristão...

RITA

Pois deixa de ser sacristão.

MANUEL

E o que hei de eu ser?

RITA

Empregado público.

MANUEL

Lembras muito bem, e não vejo a razão porque hei de alcançar um bom emprego. Olha, eu conheço um sapateiro, dois alfaiates, dois marceneiros, um tanoeiro, um sirgueiro e um ourives que deixaram, todos, os ofícios, e todos estão muito bem arranjados! E eu lhes dou razão, porque enfim é melhor trabalhar das dez horas até as duas, e londrear toda a tarde, e namorar, do que suar todo o dia no ofício.

RITA

E demais, fizeram muito bem. Quem tem padrinho...

MANUEL

...Não morre mouro. Assim é, e além disso, os ofícios cá na nossa terra já nada dão; a concorrência de estrangeiros é grande. Só os empregos públicos é que são para filhos de país, e isso mesmo... Enfim, está dito, vou pedir um emprego, e com empenho se faz tudo entre nós.

RITA

E então não duvido que meu pai dê o seu consentimento. No entanto, se daqui até lá alguma circunstância nos favorecer...

MANUEL

Nós aproveitaremos, e...

(A criança chora)

RITA

Lulu está chorando. Espere, enquanto eu chamo Madalena para lhe dar de mamar.

MANUEL

Vai chamá-la.

RITA

Sim. Não ouve o menino que chora. Meu pai pode acordar. *(Caminhando para a cama)* Madalena, Madalena? Vem dar de mamar ao menino. Como dorme!

MANUEL

Aí vem o velho!

RITA

Meu pai?

MANUEL

Sim.

RITA

Apaga a lamparina!

(Manuel apaga a lamparina. Escuro)

PACÍFICO *(à parte)*

Já escapei de duas...

RITA *(à parte para Manuel)*

Saia, se puder... E silêncio!

(Rita encaminha-se para a direita e, parando, escuta. Manuel dirige-se para a porta do fundo, que acha fechada. O menino continua a chorar)

CENA XIV

Abel e os ditos.

ABEL *(aparecendo à porta da esquerda)*

Madalena? Apagou-se a lamparina e o menino chora. A Rita pode acordar.

(Passa por entre Rita, que está à direita, e Manuel, que está à esquerda, e vai ao berço e toma a criança nos braços)

RITA *(à parte)*

É meu pai! *(Sai pelo seu quarto e fecha a porta)*

MANUEL *(à parte, ao mesmo tempo)*

É o velho!

ABEL *(com o menino nos braços)*

Não chores. *(Indo para Madalena)* Madalena, acorda, dá de mamar ao pequeno. Levanta-te, ladrãozinho, vem dar mamar.

PACÍFICO (*à parte*)
Esta agora é melhor...

ABEL
Levanta-te, toma o pequeno.

PACÍFICO (*sentando-se na cama e espreguiçando-se*)
Hum!

ABEL
Pega, acalenta-o, enquanto eu vou buscar luz.

PACÍFICO (*à parte*)
Luz agora seria bonito! Melhor é dar-lhe de mamar no escuro... (*Toma o pequeno e levanta-se*)

ABEL (*seguindo-o no escuro*)
Espera, olha que te podes esbarrar com o pequeno.

PACÍFICO (*à parte*)
Não é graça; estou com medo do velho no escuro.

ABEL (*procurando Pacífico no escuro*)
Madalena, vidinha, escuta...

MANUEL (*à parte*)
Ah, é esse o caso!

RITA (*à parte*)
Meu pai namora a ama do meu filho, ah!

PACÍFICO (*à parte*)
Eu largo o pequeno no chão, e safo-me! (*Vai abaixar-se para deitar a criança*)

ABEL (*nessa ocasião, encontra-se com ele*)

Ah, por que foges de mim, feiticeira? Em casa todos dormem; nós estamos no escuro e ninguém nos vê.

PACÍFICO (*à parte*)

Sim, mas alguém nos ouve.

ABEL

Olha, eu posso fazer muito por ti... posso fazer-te feliz, muito feliz; mas dá-me um abraço! (*Quer dar-lhe um abraço*)

PACÍFICO (*empurra-o*)

Devagar! (*Encaminha-se para o lado aonde está Manuel*)

ABEL

Ingrata!

RITA (*à parte*)

Quem tal diria!

ABEL (*procurando*)

Hei de encontrar-te!

PACÍFICO (*que se encontra com Manuel*)

Quem é?

MANUEL

Sou eu.

PACÍFICO

É o sacrista? Toma o menino. (*Dá-lhe o pequeno*)

MANUEL

Mas...

PACÍFICO

Cálida!

ABEL (*procurando*)
Madalenhinha, minha vida!

(*Pacífico dirige-se para o fundo*)

MANUEL (*à parte, com o pequeno nos braços*)
No que dará isto?

ABEL (*encontrando-se com Manuel, o segura pela sotaina*)
Ah, pilhei-te! Cruel, por que me foges?

MANUEL (*à parte e forcejando para livrar-se de Abel*)
E então? Agora é comigo...

ABEL
Não vês que estou mirrado por ti?

MANUEL (*à parte*)
Eu dou-lhe com o neto pelas ventas!

ABEL
Só um beijo, já que não queres ouvir, e vou-me embora. (*Quer dar-lhe um beijo. Manuel suspende o menino nos braços e lho apresenta. Abel dá um beijo no pequeno, supondo ser em Madalena*) Como é gostoso! Outro! Outro! (*Vai dar outro beijo no pequeno, e querendo ao mesmo tempo abraçar ao que ele supunha Madalena, fica com o pequeno nas mãos*)

MANUEL (*à parte e caminhando para à esquerda*)
Beija à tua vontade.

ABEL
Que é isto? Ah, marota, assim me enganas! E dei um beijo... O que me vale é ser de criança... Deixaste-me com o pequeno, mas espera, que mesmo no escuro te acharei. Ai, ai, que esta pestinha molhou-me todo!

Faltava-me esta! (*Manuel, Rita, Pacífico, ouvindo o velho assim falar, riem-se*)
Ah, você ri-se? Veremos quem se há de rir por fim. Mas é bem feito que tal me aconteça, porque bem diz o ditado: Quem dorme com criança, amanhece... Não preciso dizer como, porque cá o sinto. Madalena, toma tua cria, senão largo-o no chão, antes que faça pior...

RITA (*à parte*)

Meu filho no chão! (*Dirige-se a encontrar-se com Abel*)

ABEL

Então? (*Encontrando-se com Rita*) Ah, brejeirinha! (*Rita toma o filho dos braços de Abel e aparta-se com ele*) Ah, assim mangas comigo? Vou buscar uma vela. (*Aqui batem à porta com cautela*) Batem! (*Escuta, e tornam a bater*)
Não há dúvida!

RITA (*à parte*)

Quem será?

MANUEL (*à parte*)

Mau...

PACÍFICO (*à parte*)

É a Madalena! (*Batem*)

ABEL

Quem é?

MADALENA (*dentro, disfarçando a voz*)

Sou eu.

ABEL

Respondem! Quem será? Vou buscar a luz. (*Sai pelo seu quarto*)

CENA XV

Rita, Manuel e Pacífico no escuro.

PACÍFICO

Onde diabo me hei de eu esconder?

MANUEL

Que farei?

RITA

Madalena? Madalena?

PACÍFICO (*à parte*)

Temos a outro com Madalenas...

MANUEL

Ó Ritinha? Ritinha?

RITA (*encontrando-se com Manuel*)

Silêncio, que meu pai aí vem. Toma o pequeno, entregue-o a Madalena. Que o deite no berço, e você esconda-se neste quarto à direita e adeus. (*Entrega-lhe o pequeno e sai pelo seu quarto*)

MANUEL

Ó Ritinha, espera! Foi-se, e deixou-me com a lesma nos braços! Madalena? Qual Madalena! Camarada? Ó camarada?

PACÍFICO

Que é lá?

MANUEL

Onde estás? (*Encontrando-se com ele*) Ah, toma!

PACÍFICO

O quê?

(*Manuel deixa-lhe o pequeno nos braços e afasta-se para a esquerda*)

MANUEL

Que lá se avenha.

PACÍFICO

Ah, tratante, pensas que eu sou ama de leite?

MANUEL

Arranja-te como puderes, que aí vem o velho. (*Entra no primeiro quarto à direita*)

PACÍFICO (*com o pequeno nos braços*)

Eu largo a carga (*deita o pequeno no chão*) e safo-me. Mas para onde? Aquele quarto... (*Dirige-se para o quarto aonde entrou Manuel*)

CENA XVI

Entra Abel com uma vela.

ABEL (*vendo ainda Pacífico correr para o quarto*)

Madalena? Meu netinho no chão! A desavergonhada... (*Tomando nos braços o pequeno, que está no chão*) Só para fugir-me... (*Chegando-se para a porta por onde saiu Pacífico, a qual está fechada por dentro*) Deixa estar, Madalena, que me hás de pagar! Amanhã boto-te pela porta afora. (*Batem*) Já vou! Verás se assim se despreza o meu amor... E se assim se trata do meu neto. (*Vai para a porta do fundo*) Quem bate?

MADALENA (*dentro*)

Sou eu.

ABEL

Eu quem?

MADALENA (*dentro*)

Abra!

ABEL

E esta? A voz parece-me de mulher... Serão ladrões? Qual, não se atreveriam a andar pela rua às horas da missa do galo. Vejamos quem é.
(*Abre a porta*)

CENA XVII

Madalena e Abel.

MADALENA (*entrando e vendo Abel, fica surpreendida*)

Ah! (*Abel, vendo entrar Madalena, de susto deixa cair o pequeno no chão e fica sem poder falar, ora olhando para Madalena, ora para a porta do quarto onde entrou Pacífico. Madalena, apanhando o pequeno no chão, que chora*) Meu filhinho! (*Embala-o nos braços*) Estou perdida! Senhor, perdoai-me, se deixei o menino por alguns instantes. Não pude resistir; quis também ver a missa do galo. Juro que será a última vez este ano... Mas por que este espanto? Que quer isto dizer? Aponta para o quarto... Senhor!

ABEL (*gaguejando de medo*)

Madalena, tu não entraste por ali? (*Apontando para o quarto*)

MADALENA

Não senhor, entrei por ali. (*Apontando para o fundo*)

ABEL

Então foi minha filha. Que vergonha, que vergonha para um pai! Que vexame! Que dirá de mim a Ritinha? Quero-lhe pedir perdão. Dá cá este menino, que será o meu penhor. (*Tira o pequeno dos braços de Madalena arrebatadamente*)

MADALENA

Não mate o menino!

ABEL (*Dirige com o pequeno nos braços para junto da porta por onde saiu Pacífico, e aí chegando, ajoelha-se com a cara voltada para a porta*)

Filha, às vezes um pai deve humilhar-se diante de seus filhos, quando pratica uma ação que o rebaixa aos olhos daqueles a quem deve bons exemplos. Eis-me humilhado diante de ti. A natureza é fraca... Tomei-te por Madalena e disse-te coisas que me fazem agora corar de vergonha. Abre esta porta e vem abraçar teu pai em sinal de esquecimento. Aqui está teu filho, meu netinho, que me deveria fazer lembrar que estou velho para não praticar ações indecorosas. Perdoa-me, por amor dele! Abre, abre esta porta!

(Enquanto Abel está de joelhos junto da porta e fala, Rita entra pela porta de seu quarto, e depois de falar com Madalena em segredo, dirige-se para junto do pai)

RITA

Meu pai! *(Abel volta a cabeça e, vendo Rita atrás de si, dá um grito, levanta-se e deixa cair o pequeno no chão. Rita, apanhando o pequeno)* Meu filho!

ABEL

Rita! Rita por trás de mim, quando eu esperava por diante!

RITA *(sem dar atenção ao pai e beijando o filho)*

Meu amor, meu anjinho! Coitadinho!

ABEL *(pegando no braço da filha com violência)*

Rita!

RITA

Não machuque o meu filho!

ABEL

Tu não saíste por aqui? *(Apontando para a porta)*

RITA

Não senhor, saí por ali.

ABEL

Ah, todos saíram por todas as partes, menos por aqui, e no entanto eu vi... Já sei, é um ladrão, é um ladrão que se introduziu em minha casa vestido de mulher!

RITA

Um ladrão!

MADALENA (*ao mesmo tempo*)

Um ladrão!

ABEL

Sim, um ladrão, que deu de mamar ao pequeno para me enganar! Mas hei de vingar-me! (*Caminha nas pontinhas dos pés para junto da porta e, aí chegando, dá com rapidez uma volta na chave*)

RITA (*à parte, enquanto o pai dirige-se para a porta*)

Pobre Manuel!

MADALENA (*no mesmo*)

O que será de Pacífico?

ABEL (*dando volta na chave*)

Está preso! Ah, agora verás! Rita, Madalena, esperem aqui um instantinho, que eu já volto, e tenham olho na porta! Ele não é capaz de arrombá-la, nem o quarto tem saída. Vou chamar a primeira ronda que encontrar. Oh, não me há de escapar!

RITA

Meu pai, ouça...

MADALENA (*à parte, para Rita*)

Deixá-lo ir.

ABEL

Eu volto em um pulo. Olho na porta! (*Sai correndo*)

CENA XVIII
Rita e Madalena.

MADALENA
Minha ama, perdoe-me!

RITA
Fizeste mal em deixá-lo entrar, mas agora é preciso salvá-lo.

MADALENA
Oh, muito obrigado, minha boa senhora. Abramos a porta. Pobre Pacífico!

RITA (*à parte*)
Pobre Manoel!

(Vão ambos a porta, e saem por ela Manuel e Pacífico já sem vestido)

RITA E MADALENA (*espantando-se*)
Ah, são dois!

PACÍFICO
Madalena!

MANUEL (*ao mesmo tempo*)
Ritinha!

RITA
O que é isto, Madalena?

MADALENA
Senhora, um é meu...

PACÍFICO
Sou eu. (*Chegando-se para Madalena*)

MANUEL (*para Rita*)

E o outro é teu. (*Chegando-se para Rita*)

RITA

Mas...

MANUEL

Não temos tempo para explicações.

PACÍFICO

Demos graças a Deus, se o tivermos para nos pormos ao fresco.

MADALENA

Eles têm razão, senhora. Seu pai não tarda com soldados, e se os pilha, estamos todos perdidos.

PACÍFICO

A Madalena tem razão. Toca a debandada! (*Toma a barretina e espada, que estão debaixo da cama e dirige-se para a porta do fundo*)

MANUEL (*para Rita, enquanto Pacífico tira a barretina de baixo da cama*)

Ritinha, pede a Deus que morram de hoje para amanhã quatro oficiais de secretaria, que eu me encaixarei em um dos lugares... E adeus!

(*Dirige-se para a porta do fundo; aí chega junto com Pacífico e querendo empurrar a porta, a encontram fechada*)

AMBOS

Está fechada!

RITA

Fechada? Como há de ser?

MANUEL

Isso pergunto eu.

PACÍFICO

E eu também. O que havemos fazer?

RITA

Não sei, não sei, meu Deus! E meu pai não tarda!

PACÍFICO (*puxando da espada*)

Não há remédio senão cutilar o velho.

MADALENA

Pacífico!

MANUEL

E eu, o que posso fazer é encomendá-lo e enterrá-lo...

RITA

Senhor!

MADALENA

Escutem. Não se aflija, minha senhora. (*Para os dois*) Entrem os senhores ambos por esta porta, (*aponta para o quarto de Rita*) passem o primeiro e o segundo quarto, tomem por um corredor que está à direita, no fim há uma janela que deita para rua; abram-na e saltem por ela.

PACÍFICO

És uma pérola!

MANUEL (*para Rita*)

Adeus, até sempre!

PACÍFICO

Anda, sacrista!

(*Saem ambos correndo pela direita*)

CENA XIX

Rita e Madalena.

RITA

Madalena, e nós? Meu pai não tarda, e não achando ninguém no quarto.

MADALENA

Tenho cá meu plano. Minha ama quer-se casar com o Sr. Manuel Igreja?

RITA

Bem sabes quanto eu o amo.

MADALENA

Então está tudo arranjado.

RITA

Mas como?

MADALENA

Seu pai mostrou-se há pouco muito envergonhado, e de joelhos diante daquela porta lhe pedia perdão, só porque supunha que a encontraria lá dentro. Alguma fez ele por cá...

RITA

Tomou os dois por ti... E tudo eu ouvi.

MADALENA

Tanto melhor. Agora é preciso envergonhá-lo mais.

RITA

E para quê?

MADALENA

Um pai, quando pratica uma ação vergonhosa diante de seus filhos põe-se debaixo de sua dependência e não tem remédio senão fazer-lhes a vontade. O ponto é saber-se tirar partido do segredo.

RITA

E o que faremos?

MADALENA

Entrarmos neste quarto e esperar que ele venha com os soldados e que nos encontre lá.

RITA

Mas...

MADALENA

Dê cá o menino, que ele não tarda. *(Toma o pequeno nos braços de Rita e o vai deitar no berço)*

RITA

Não sei se devemos fazer...

MADALENA

Pois eu sei que devemos; quando não passaremos por cúmplices de ladrões, porque lhe demos escapula, ficaremos desacreditadas. Silêncio, ouço ! É ele! Venha, venha.

(As duas entram no quarto em que estiveram os amantes)

CENA XX

Abre-se a porta do fundo e por ela entra Abel, seguido de Pacífico, Manuel e uma patrulha.

ABEL *(à porta)*

Entre, senhor Manuel. E seu amigo também pode entrar. *(Encaminham-se para a frente)* Muito estimei encontrá-los junto de minha casa.

MANUEL

Vínhamos da missa, lá da banda de cima.

PACÍFICO (*à parte, para Manuel*)

Por pouco que não nos pilha saltando a janela.

ABEL

Desculpe-me, se os interrompi no seu caminho; mas necessitava dos senhores, e entre amigos...

MANUEL

Pode dispor de nós.

ABEL

Obrigado. (*Pegando na mão de Manuel*) Meu amigo, tenho ladrões em casa!

MANUEL e PACÍFICO

Ladrões em casa?

ABEL

Sim, e naquele quarto, que eu mesmo os fechei.

MANUEL e PACÍFICO

Naquele quarto? Então vamos a eles.

(Manuel arregança as mangas e Pacífico puxa a espada – tudo isto com muito espalhafato e dirigem-se ambos para a porta do quarto)

ABEL (*retendo-os*)

Esperem, amigos.

MANUEL

Nada, deixe-me, que os levo a cabeçadas.

PACÍFICO

E eu a fio de espada.

ABEL (*retendo-os*)

Por quem são, não se exponham assim! Agradeço-lhes o zelo. Eu disse um ladrão. Quem sabe se não é uma quadrilha inteira? É preciso prudência e tática. Olhe, o senhor (*Pacífico*) ficará aqui. (*Coloca-o junto do ponto*) Meu amigo Manuel, aqui. (*Coloca-o junto de Pacífico*) Os senhores oficiais, por aqui. (*Coloca-os em semicírculo, desde a porta do quarto até junto de Manuel*) E eu ficarei entre meu amigo e o senhor, mas como não tenho arma, o senhor (*para um dos soldados*) fará o favor de emprestar a sua espingarda. Eu é que estou mais exposto. (*Toma a espingarda do soldado e mete-se entre Manuel e Pacífico*) agora façam o favor de calar baionetas. (*Os soldados calam baioneta*) O camarada que está sem espingarda terá a bondade de abrir a porta e fazer-lhes a intimação para se entregarem.

(*O soldado dirige-se para a porta do quarto, e dando uma volta na chave e empurrando a porta, esta se abre*)

SOLDADO

Quem quer que esteja aí dentro, saia para fora e nada de resistência!

ABEL

Sentido, amigos!

SOLDADO

Então, não respondem? Em nome da lei, rendei-vos; quando não...

ABEL

Quando não, faremos fogo! (*Metendo a espingarda à cara*)

CENA XXI

Aparecem à porta do quarto Rita e Madalena.

RITA

O que é isto?

MADALENA *(ao mesmo tempo)*

Então, o que temos?

ABEL

Ah!

(Deixa cair a espingarda no chão, de surpreendido, e fica estático como D. Bartolo no Barbeiro de Sevilha, conservando os braços na posição em que sustentava a espingarda)

PACÍFICO

São estes os ladrões? Ah, ah, ah! *(Ri-se às gargalhadas)*

MANUEL

Ah, ah, ah... *(Rindo-se às gargalhadas, e o mesmo fazem todos os soldados)*

RITA *(caminhando para eles)*

Meu pai, meu pai, o que temos?

MADALENA

Oh, como ficou!

RITA

Meu pai, volte a si! Sou eu! Meu Deus! Madalena, aí está o que fizeste!

MADALENA

Ah, senhor! *(Querendo abaixar-lhe o braço)* Como está duro!

RITA

Meu Deus, meu Deus! Senhor Manuel!

MANUEL *(sacudindo-o)*

Ah, senhor Abel!

PACÍFICO (*o mesmo*)

Então, o que é isto? Está galante!

(Agrupam-se todos ao redor de Abel e principiam uns assoprarem-lhe a face, outros a sacudirem-no, etc.)

MANUEL

Parece morto!

RITA

Meu pai?

PACÍFICO

Como diabo ficou ele estatelado!

MADALENA

Vai mau isto!

RITA

Meu pai, fui eu que lhe dei escapula do quarto; sou a culpada! Não era ladrão, era o Sr. Manuel que lá estava e que veio por mim. Diga-lhe, diga-lhe isto, senhor Manuel.

MANUEL

Sim senhor, Sr. Abel, era eu. Vim para ver sua filha e o senhor tomou-me pela Madalena. *(Abel abaixa os braços e como que vai tornando a si)* Já se mexe...

RITA

Meu bom pai, perdoai-me, fui eu a culpada! Por causa dela?

MADALENA

E eu também, por causa dele...

MANUEL

E mais eu, por causa dele...

PACÍFICO

Creio que o remédio faz efeito... então, também eu, por causa dela... E fui o primeiro, tratei da criança, levei abraços... Não se lembra que me foi acordar naquela cama? Madalenhinha!

ABEL (*que tem tornado a si*)

Oh, estou traído!

RITA (*suplicante*)

Meu pai!

ABEL (*recuando enfurecido*)

Deixa-me!

RITA

Perdoai-me!

MADALENA (*ao mesmo tempo*)

Perdoai-me!

PACÍFICO (*ao mesmo tempo*)

Senhor!

MANUEL (*ao mesmo tempo*)

Senhor!

ABEL

Deixai-me, deixai-me! (*Vai recuando, enfurecido*)

RITA, MADALENA, MANUEL, PACÍFICO e SOLDADOS

Senhor!

ABEL

Deixa-me!

(Todos o seguem suplicantes, e ele tão cego está de furor, que sem dar atenção ao berço, dá com as costas sobre ele e o atira no chão com o pequeno e cai por cima)

TODOS

Ah!

MADALENA *(correndo para acudir ao pequeno)*

Meu filho!

(Manuel e Pacífico acodem Abel, o soldado levanta o berço; Rita e Madalena tiram o pequeno de baixo do velho e com ele caminham para junto da mesa e aí Rita se assenta, tendo-o nos braços)

RITA

Meu filho, meu filho! Está sem sentido, morto!

MADALENA

Meu Deus!

RITA

Água fria, água fria, Madalena!

(Madalena toma o moringue que está sobre a mesa e o derrama sobre a cabeça do pequeno, enquanto as duas estão ocupadas em fazerem o pequeno tornar a si, Manuel e Pacífico levantam Abel e, sustentando-o pelos braços, conduzem-no para frente da cena)

MANUEL

Então, Sr. Abel, parece-se criança. Que é isto? Por tão pouco!

PACÍFICO

O caso não é de matar crianças. Toma a coisa tão em grosso!!

RITA

Está morto!

TODOS

Morto? (*Encaminham-se para junto de Rita*)

ABEL

Meu neto morto! E fui eu, desgraçado!

MADALENA

Está vivo, está vivo!

TODOS

Vivo! (*Abel arrebatada a criança dos braços de Rita e o cobre de beijos. Todos, para Abel*) Não o mate!

ABEL

Pobre inocente, que tanto tens sofrido esta noite pelos nossos desvarios! Que culpa tens tu, pobre anjinho, que sejamos todos loucos. Filha, o teu proceder foi criminoso, e só casando-te com este homem darás uma satisfação ao público.

MANUEL

Ritinha! (*Vai para junto dela*)

ABEL (*para Madalena*)

E tu, mulher vil, já desta porta para fora!

RITA

E quem há de criar meu filho?

ABEL

Eu!

(*Pacífico e Madalena riem-se às gargalhadas; Abel, indo para Pacífico*) Insolente! (*Pacífico bota a mão à espada e quer desembainhá-la; Madalena retêm-lhe o braço. Abel, vendo Pacífico lançar mão da espada, levanta a criança nos braços e ameaça-o com ela, e que vendo Rita corre para ele*)

RITA

Meu pai!

PACÍFICO

Há mais tempo que com esta cara e com estes anos devias-te empregar em desmamar crianças, e não em namorar.

ABEL

Tem o senhor muita razão.

PACÍFICO *(para Madalena)*

Vamos, que terás muito onde te alugares.

(Pacífico toma Madalena pelo braço e vai saindo)

ABEL *(principia a passear de um para outro lado, embalando a criança nos braços e cantando)*

Menino bonito... *(Etc.)*

(Rita olha para ele sorrindo-se. Pacífico e Madalena param na porta do fundo e riem-se e nisso abaixa o pano)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com